



EVELYN KARINA PEREIRA FRIES

# **O SOFRIMENTO HUMANO E ATUAÇÃO DIVINA:**

**Análise da experiência de Jó**

IJUÍ/RS  
2016

EVELYN KARINA PEREIRA FRIES

# **O SOFRIMENTO HUMANO E ATUAÇÃO DIVINA:**

**Análise da experiência de Jó**

TCC apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC do curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela professora Marivete Zanoni Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA  
IJUÍ/RS  
Junho de 2016

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

**O SOFRIMENTO HUMANO E ATUAÇÃO DIVINA:**  
**Análise da experiência de Jó**

---

Autor: **Evelyn Karina Pereira Fries**

---

Orientador de Conteúdo: **Dra. Marivete Z. Kunz**

---

Avaliador de Forma: **Me. Josemar V. Modes**

---

Avaliador de Português: **Esp. Luciano Gonçalves Soares**

---

Avaliador Final: **Me. Gabriel Lauter**

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_

IJUÍ  
2016

## **RESUMO**

O livro de Jó traz aos seus leitores uma incrível história, que retrata com profundidade a vida de um homem e seu relacionamento com seu Deus. Relacionamento este, que é aperfeiçoado por causa do sofrimento deste personagem. Nunca a pessoa de Deus foi tão debatida e desafiada como por Jó e por seus amigos, que numa busca incessante tentam entender a atuação Divina e o sofrimento humano. Deus é quem inicia a história, permitindo que o infortúnio entre na vida Jó e é Ele quem a termina, trazendo a Jó uma visão incomparável de quem Ele é. Nisso, descobre-se um Deus sábio, soberano, zeloso e justo, que comanda a terra e suas criaturas e atua na vida de seus servos mantendo-os no caminho de sua presença. Nem que para isso precise mostrar o Seu cuidado providencial através do sofrimento.

**PALAVRAS CHAVES:** Sofrimento; Jó; Deus; Sabedoria; Soberania; Cuidado; Justiça

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>I - A SABEDORIA DE DEUS E O CONHECIMENTO HUMANO .....</b>	<b>9</b>
1.1 Sabedoria Divina.....	9
1.2 A Sabedoria de Deus em contraste com o conhecimento dos amigos de	
Jó	10
1.2.1 Elifaz	10
1.2.2 Bildade .....	11
1.2.3 Zofar .....	12
1.2.4 Eliú .....	14
1.3 A Sabedoria de Deus em contraste com o conhecimento de Jó .....	15
<b>II - A SOBERANIA DE DEUS E OS QUESTIONAMENTOS DE JÓ .....</b>	<b>20</b>
2.1 Definição de Soberania.....	20
2.2 Manifestação da Soberania Divina .....	22
2.2.1 Na história de Jó .....	22
2.2.2 No cosmos .....	25
2.2.3 Na realidade espiritual.....	26
<b>III - O CUIDADO E A JUSTIÇA DE DEUS E A RESPOSTA HUMANA</b>	<b>29</b>
3.1 A concepção de cuidado e justiça.....	29
3.2 O cuidado com seus servos (humanidade).....	31
3.3 O silêncio de Satanás .....	35
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

O tema proposto está no Antigo Testamento, mais precisamente no livro de Jó, e também em outras áreas bíblicas como Teologia Sistemática. Abordará a sabedoria, a soberania e o cuidado de Deus na vida de seus servos, a partir da experiência de Jó. Dentro da pesquisa serão tratados estes três aspectos relevantes da natureza de Deus, aspectos tais que no livro de Jó são debatidos e confrontados pelo conhecimento humano. A relevância desta pesquisa será mostrar que Deus, na sua atuação divina em relação ao homem e toda a sua criação, sempre será sábio, soberano e cuidadoso. O assunto despertou o interesse a partir da leitura e do estudo no livro de Jó, ao ver Deus mostrando aos homens, aos seres espirituais e para toda a sua criação, a sua grandeza e sabedoria.

Toda a pesquisa foi feita a partir de fontes bibliográficas, artigos em revistas e internet que inclui: textos bíblicos (no original e no vernáculo); introduções ao Antigo Testamento; teologia do Antigo Testamento; dicionários bíblicos e comentários bíblicos. Também livros de costumes e cultura da época, livros sobre o próprio Jó, livros em geral que falam sobre aspectos da natureza e da atuação de Deus em relação ao sofrimento e artigos em revistas teológicas. Estas fontes para a pesquisa foram encontradas na biblioteca particular, na biblioteca da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí/RS e internet. A pesquisa no geral incluiu o ajuntamento dos dados bibliográficos, depois a análise dos mesmos, com o que se relacionava cada capítulo proposto e pôr fim a redação.

Dentro do livro de Jó, há o exemplo de um homem íntegro que temia ao Senhor, que se desviava do mal e que se vê em uma situação de caos. Isto ocorre depois do diálogo entre Deus e Satanás, quando Deus permite que o mal aconteça na vida de Jó. A pergunta que surge e que a presente pesquisa responderá é: a experiência de Jó tem como objetivo mostrar o porquê do sofrimento humano e conseqüentemente seu causador ou ressaltar a sabedoria, a soberania e o cuidado de Deus com aqueles que se relacionam com Ele? Nisso também inclui as seguintes perguntas corolárias: Satanás também é usado por Deus em seus planos? Houve injustiça na forma como Jó sofreu? Por que os amigos de Jó insistiam em que ele havia pecado? Quais teriam sido as conseqüências teológicas se Jó não tivesse se recuperado?

Há um fato importante dentro do livro de Jó e em todos os outros livros sapienciais que é a centralidade de Deus na maioria das páginas. É tão sutil e misteriosa a presença de Deus que apenas depois de uma reflexão e de uma concentração perspicaz a respeito desses escritos é que se chega a este fato. O livro de Jó parece que no início o dilema em discussão é do sofredor e de sua inocência, porém, quando se intensifica a reflexão, descobre-se que a realidade de Deus

de sua justiça e poder é que estão no centro dos debates do livro.<sup>1</sup> A intenção do poeta é mostrar desde o início *a divindade de Deus, a humanidade do homem e a natureza específica da relação entre o Deus que é verdadeiramente Deus e o homem que é verdadeiramente homem*.<sup>2</sup> Se o livro tivesse apenas a intenção de mostrar o sofrimento do justo – por mais que este aspecto se mostre predominante – e não o Deus por trás da história de Jó, poder-se-ia considerar a obra algo sem sentido. Por isso, a pesquisa torna-se interessante e pode mostrar como o servo do Senhor tem a certeza de que o controle está nas mãos certas e de que Deus não muda por causa das situações.

A abordagem do tema será dada em três capítulos, cada um enfatizará uns dos elementos da natureza de Deus destacados no livro de Jó e a posição humana diante desses aspectos: *sabedoria de Deus e conhecimento humano; soberania de Deus e os questionamentos de Jó; e o cuidado de Deus e a resposta humana*. Dentro de cada capítulo haverá a definição dos elementos Divinos e sua relação com o enredo e os personagens do livro de Jó. Nisso se conseguirá ver que somente Deus tem por completo a sabedoria e que a razão do sofrimento humano está escondida dos mesmos. Corrige-se a noção errada da época, que acreditava ser todo sofrimento consequência de algum pecado cometido individualmente.<sup>3</sup>

No primeiro capítulo a sabedoria de Deus será definida e os personagens Elifás, Bildade, Zofar, Eliú e o próprio Jó, junto com seus conhecimentos serão, colocados diante dessa sabedoria. No capítulo posterior, a soberania de Deus será colocada em destaque e como ela se manifestou na vida de Jó e nos demais elementos salientados no livro, inclusive sobre o mal. Por fim, no último capítulo, a justiça e o cuidado de Deus, junto com suas definições e manifestações na história do sofrido Jó. Além disso, as respostas dos personagens do livro, ante o Deus revelado, complementarão o estudo.

É importante destacar que não há uma resposta ao porquê do sofrimento, pois, assim como o próprio livro de Jó mostra, o sofrimento é um dos mistérios de Deus que não foi revelado ao homem. Mas, através da experiência de Jó, conclui-se que a sabedoria e a soberania de Deus em qualquer circunstância permanecem intacta. E que seu cuidado não depende de seu servo e nem da circunstância em que ele esteja. A sabedoria, a soberania e o cuidado de Deus são constantes e estão além do entendimento humano.

<sup>1</sup> CERESKO, Anthony R. *A sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade liberal*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004, p. 198.

<sup>2</sup> TERRIEN, Samuel. *Coleção grande comentário bíblico: Jó*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1994, p. 45.

<sup>3</sup> GUSSO, Antônio Renato. *Os livros poéticos e os da sabedoria: introdução fundamental e auxílios para a interpretação Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos*. Curitiba: A. D. Santos, 2012, p. 33.

## I – A SABEDORIA DE DEUS E O CONHECIMENTO HUMANO

Neste primeiro capítulo a questão abordada será a sabedoria Divina e como ela se sobrepõe ao conhecimento limitado dos seres humanos, no livro de Jó. Dentro disso, se verá em que ponto os personagens principais da história deixaram com que seus pontos de vistas falassem mais auto, defendendo mais a sabedoria particular do que procurando entender a situação. Cada personagem terá seu conhecimento analisado diante da sabedoria de Deus.

### 1.1 Sabedoria divina

Para introduzir, é de extrema importância trazer a definição de Sabedoria Divina, a qual dentro do livro de Jó é colocada à prova, não só pelos questionamentos do personagem principal, mas também por seus amigos, que tentam humanamente explicar os desígnios de Deus.<sup>4</sup> O ponto de partida é a reflexão sobre a sabedoria, por causa das indagações causadas pelo sofrimento.<sup>5</sup> O cerne do livro de Jó traz o tema da sabedoria, apesar do sofrimento do inocente provocar a história e ser um assunto teológico importante. Assim, a pergunta “quem é sábio?” se torna importante no desenvolvimento da história. Todos os personagens do livro requerem para si a sabedoria, mas ao final Deus responde esta questão mostrando que somente Ele é a fonte de sabedoria e Ele a distribui como lhe convém.<sup>6</sup>

Segundo Wayne Grudem, dizer que Deus é sábio significa que **seus objetivos sempre serão os melhores e que os meios para alcançar esses objetivos, também serão os mais sensatos.**<sup>7</sup> Luiz Sayão traduz isso trazendo também o problema do mal e do sofrimento em pauta, quando diz que “**Deus permite o mal e o utiliza para fins bons, e Deus permite o mal para produzir um bem maior.**”<sup>8</sup>

A Sabedoria Divina é um fator que está dentro da onisciência, atributo que Erickson classifica nos atributos naturais de Deus, por meio do qual Ele conhece todas as coisas. **Conhecendo todas as coisas, seus julgamentos são realizados sabiamente** e Ele nunca precisará reavaliar suas atitudes. Todas as coisas estão debaixo de seus olhos e na devida perspectiva, **Ele a nada concede maior ou menor valor do que se deve.**<sup>9</sup> Era exatamente isso que, principalmente os amigos de Jó, não haviam percebido. Por terem uma visão muito rígida e restrita, não

<sup>4</sup> DILLARD, Raymond B. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 197.

<sup>5</sup> CERESKO, 2004, p. 74

<sup>6</sup> DILLARD, 2006, p. 197.

<sup>7</sup> GRUDEM, Wayne A. *Teologia sistemática*. Trad. Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luiz A. Sayão; Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 139.

<sup>8</sup> SAYÃO, Luiz Alberto. *Agora sim: teologia na prática do começo ao fim*. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 39.

<sup>9</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 113.



conseguiram ajudar a Jó. A teologia em que se baseavam não era essencial e o Deus a quem tentaram defender era *pequeno o suficiente para ser compreendido e explicado*.<sup>10</sup>

E quando este Deus sábio concede o dom da sabedoria, espera que seu relacionamento com o ser humano torne-se restaurado e aperfeiçoado, ajudando assim o indivíduo a tornar-se mais humilde, alegre, mais benigno, disposto a compreender Sua vontade, mais sensível e menos confuso.<sup>11</sup> Totalmente ao contrário do que Elifaz, Bildade e Zofar estavam sendo diante do sofrimento de Jó, o que revela que não havia sabedoria no modo como estavam procedendo.

A sabedoria dos sábios é apática, no sentido intelectual, pois não tinham curiosidade de aprender coisas novas. Em consequência, não compreendem os problemas profundos da vida e nem a conduta humana, não satisfazendo mentes que em verdade refletem. Não concede a força interior necessária para enfrentar as dificuldades, uma vez que não tem respostas às mesmas, não sabe o que fazer ou pensar quando a estabilidade, que julga inabalável, desaparece.<sup>12</sup>

## 1.2 A Sabedoria de Deus em contraste com o conhecimento dos amigos de Jó

### 1.2.1 Elifaz

Elifaz de Temã, assim é designado o primeiro amigo de Jó (Jó 2.11). Wiersbe supõe que Elifaz seja o mais velho de todos os outros, pois é a ele quem Deus repreende em nome dos três, por terem dito coisas erradas a respeito do próprio Deus (Jó 42.7). Os discursos de Elifaz estão nos capítulos 4, 5, 15, e 22 do livro de Jó e ele os baseia em duas premissas: nas suas observações sobre a vida e em uma experiência sobrenatural que teve em uma noite.<sup>13</sup>

Em seu primeiro discurso, Elifaz reprova a Jó por não conseguir ser capaz de ajudar a si mesmo, apesar de ter ensinado e ajudado a outros.<sup>14</sup> E, a seu modo de pensar, Elifaz interpreta que o sofrimento de Jó, é resultado absoluto de algum pecado cometido pelo sofredor (Jó 4.7-11).<sup>15</sup> Elifaz acreditava profundamente na sua tradição e o seu Deus era um Deus rígido e rigoroso. A teologia na qual estava baseada a sua tradição, era inflexível e não permitia espaço para a graça de Deus.<sup>16</sup>

<sup>10</sup> WIERSBE, Warren W. Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento – Poéticos. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, v. 3, p. 14.

<sup>11</sup> PACKER, J. I. *O conhecimento de Deus*. Trad. Cleide Wolf. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 130

<sup>12</sup> MCKENZIE, John L. *Os grandes temas do Antigo Testamento*. 8.ed. Trad. Cácio Gomes e Therezinha Gomes. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 236.

<sup>13</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 14.

<sup>14</sup> HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Marcio Redondo e Sueli Saraiva. São Paulo: Vida, 2005, p. 552.

<sup>15</sup> MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no livro de Jó: uma interpretação do sofrimento humano*. Rio de Janeiro: JUERP, 1975, p. 39.

<sup>16</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 14.

Em alguns momentos de sua primeira fala, Elifaz expõe afirmações corretas a respeito da justiça, da misericórdia e da bondade de Deus e também acredita que a criação tem uma finalidade e um sentido para o servo fiel. Mas a sua visão em relação à repreensão e à correção, na qual faz parte de uma teologia incompleta, impossibilita a sua argumentação a favor de Deus, também a sua amizade com Jó e sua capacidade de ter e demonstrar sabedoria.<sup>17</sup> Ao basear seus argumentos na sua experiência de visão e nas suas observações sobre a vida, Elifaz deixa claro que não compreendia tudo sobre a relação entre Deus e o homem, pois argumentar com base naquilo que se observa é mostrar uma visão limitada de como as coisas realmente acontecem.

O ser humano não é capaz de ver o que há no coração do outro, muito menos determinar quem é reto aos olhos de Deus através do sofrimento.<sup>18</sup> Aliás, Deus faz o sol brilhar sobre os maus e os bons e envia chuva para os justos e os injustos. Ele é paciente em relação aos pecadores na esperança de que a sua bondade os guie ao arrependimento.<sup>19</sup> Não há como explicar os desafios e as incoerências da vida com experiências místicas e com ortodoxias frias como a de Elifaz, o que também não garante sabedoria.<sup>20</sup>

### 1.2.2 Bildade

Bildade de Suá é o segundo amigo de Jó a ser apresentado na história (Jó 2.11) e também o segundo a dar o seu discurso acerca do que Jó estava passando (Jó 8). Seus discursos estão nos capítulos 8, 18 e 25. Wiersbe o descreve como “legalista” e o aponta como sendo o segundo mais velho dentre os três.<sup>21</sup> Bildade é objetivo e crítico em sua primeira manifestação a respeito de Deus e do ser humano; apesar de demonstrar sofisticação, não deixa de ser superficial. Na sua simples teologia, a explicação para Jó está em dois tipos de homem – o inculpável (מִי־טָהוֹרָה) – tâm<sup>22</sup> – e o secretamente perverso (הַיֵּהָיִי) – hanêp<sup>23</sup> – apesar de aparentemente iguais. Para Bildade, Deus faz separação entre eles, ao conceder prosperidade a um e sofrimento ao outro. Insinuar que pode acontecer algum dia algo diferente disso, é duvidar da justiça Divina.<sup>24</sup>

<sup>17</sup> HOUSE, 2005, p. 552.

<sup>18</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 17.

<sup>19</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 33.

<sup>20</sup> SAYÃO, Luiz. *Comentário rota 66: Poéticos*. São Paulo: RTM, 2008.

<sup>21</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 14.

<sup>22</sup> HARRIS, R. Laird. JR. ARCHER, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1647, 1648 e 1649.

<sup>23</sup> HARRIS, 1998, p. 498 e 499.

<sup>24</sup> ANDERSEN, Francis I. *Série cultura bíblica: Jó - Introdução e comentário*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 137.

Para Bildade, o princípio indiscutível da justiça divina não poderia ser mudado, nem por homens nem sequer pelo próprio Deus.<sup>25</sup> Diferente de Elifaz, que tenta se passar por profeta e quer direitos sobre as revelações divinas, Bildade é um dogmático mais didático, que entende o seu voto de fé, que possui um vasto entendimento, mas que não desfruta de um contato íntimo com o mistério de Deus. Sua sabedoria está cheia de citações do passado, sem perceber que o presente pode ser e é diferente, preferindo ficar com o que foi expresso antigamente.<sup>26</sup>

Bildade, em todos os seus discursos, juntamente com os discursos de seus amigos “defensores” de Deus, mostra como é perturbador ver o ser humano falando sobre Deus com ares de sabedoria, ao passo que, na verdade, não sabem o que estão falando.<sup>27</sup> O poeta mostra honestidade nas palavras de Bildade, mas também a cegueira que não o permitia ver como é o relacionamento de Deus com Jó.<sup>28</sup> Este é o conhecimento de Bildade – aproveitável no geral, mas comum e doloroso quando se trata do sofrimento de um servo de Deus.<sup>29</sup>

A descrição que Bildade faz da sina dos perversos é forçada. Não tem em sua mente quão horrível faz da existência de Deus, fazendo isso a indivíduos desamparados, por mais justo que seja o motivo. Andersen afirma que:

Bildade narra as desgraças como sendo a concretização de leis morais que controlam os movimentos dos homens em derredor do Deus central assim como a gravitação governa os movimentos dos planetas em derredor do sol. A justiça de Deus consiste em manter estas leis, tanto naturais quanto morais. Esta é uma opinião comum dos filósofos, cujo deus é um fator numa fórmula.<sup>30</sup>

Definitivamente este amigo de Jó não consegue levá-lo a um consolo e muito menos à resposta que ele tanto procura. E a resposta por que isso acontece está no fato de que Bildade não conhece o suficiente o Deus a quem tanto defende, não entende que Deus, agindo de maneiras de diferentes, não significa uma natureza divina inconstante ou sem entendimento. Bildade não consegue ver que, por Deus ser poderoso e justo, age da maneira que achar melhor e usa os caminhos que, aos seus olhos, levarão o ser humano até Ele.

O intuito de Deus não é resolver o problema que o Homem acha que é o real que tem, e sim trazer o homem para mais próximo dEle.

### 1.2.3 Zofar

Zofar de Naamate é o último dos três amigos de Jó a falar. Seu discurso inicial é o mais breve, mas o que falta em extensão sobra em hostilidade. Os capítulos 11 e 20 é onde estão registrados os seus argumentos, que insistem de modo ríspido que Jó entenda a sabedoria

<sup>25</sup> TERRIEN, 1994, p. 104.

<sup>26</sup> TERRIEN, 1994, p. 106.

<sup>27</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 56.

<sup>28</sup> TERRIEN, 1994, p. 161.

<sup>29</sup> ANDERSEN, 1984, p. 140.

<sup>30</sup> ANDERSEN, 1984, p. 189.

Divina, insinuando ele mesmo saber a profundidade da mesma.<sup>31</sup> Sua sabedoria é muito certa e comum, baseada numa fuga cruel para a teoria. Não há espaço para objeções, mas é claramente uma sapiência inexpressiva, que abusa da sinceridade abalada de Jó.<sup>32</sup> House diz que, na pior das hipóteses, sua sabedoria torna Deus ainda mais incompreensível e distante do que seus amigos.<sup>33</sup>

Sua doutrina formal é objetiva – é apenas Jó se arrepender e voltar-se para Deus e tudo se resolverá. Mesquita ironiza essa posição de Zofar, dizendo que ele é um “religioso dogmático com a varinha de condão na mão”, pois da forma como expõe a solução para Jó parece ser tudo muito simples.<sup>34</sup> Mas é claro ver que o que Zofar promete a Jó é uma fantasia em cima de suposições, pois a teologia antiga não trazia a ideia de perdão que levava à salvação. Por mais que sacrifícios e arrependimentos formais eram feitos, o pecador continuava convicto de que seu pecado o acharia mais cedo ou mais tarde.<sup>35</sup> Andersen sinaliza, para provar que as crenças de Zofar são fechadas em si, que em seus discursos não há evidência alguma de que o perverso possa se arrepender, reparar seus erros e ter novamente a graça e o favor de Deus.<sup>36</sup>

A sabedoria exposta por Zofar e por seus amigos, conforme Packer fala em seu livro *O Conhecimento de Deus*, expõe que muitos acham que ser sábio é estar também na cabine de comando onde Deus atua. Em outras palavras, saber todos os “porquês” e os “para quês” de Deus nas suas atitudes.<sup>37</sup> Tanto Zofar como Elifaz e Bildade tinham a certeza do que Deus estava fazendo com Jó e do que ele deveria fazer diante disso, quando na verdade estavam mais perdidos que o próprio Jó. Não sabiam nada além da teologia simplista e incompleta que guardavam em si. O que a Bíblia revela é que interpretar Deus e o sofrimento não é fácil como eles estavam expondo.<sup>38</sup>

Do ponto de vista desses três amigos, a persistência de Jó é incompreensível. O conceito de que um homem bom pode sofrer nunca é compreendido. Acabaria com a teologia deles, ou, como Elifaz já disse, *subverteria a religião* (Jó 15.4). O leitor que está ciente do que está acontecendo, compreende que Jó não é teimoso nem arrogante. É honesto e persistente. Do abismo de um corpo doente e de uma mente debilitada, seu espírito ainda lança sua fé em direção a Deus, embora seus clamores cegos pareçam desenfreados para seus amigos.<sup>39</sup>

<sup>31</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 26.

<sup>32</sup> ANDERSEN, 1984, p. 154.

<sup>33</sup> HOUSE, 2005, p. 554.

<sup>34</sup> MESQUITA, 1975, p. 72.

<sup>35</sup> MESQUITA, 1975, p. 72.

<sup>36</sup> ANDERSEN, 1984, p. 196.

<sup>37</sup> PACKER, 1996, p. 123.

<sup>38</sup> MESQUITA, 1975, p. 73

<sup>39</sup> ANDERSEN, 1984, p. 200 e 201.

### 1.2.4 Eliú

Eliú de Buz ocupa seis capítulos do livro de Jó (32;33;34;35;36;37); apesar de dizer algumas coisas parecidas com os outros, seu propósito era diferente. Não tentou provar que Jó era pecador, mas que Jó tinha uma visão errada de Deus.<sup>40</sup> Este novo personagem se declara o mais novo dentre todos, motivo que o levou a não falar antes (Jó 32.4 e 6). Apenas o sobrenome e o clã de Eliú são mencionados, diferente dos outros três personagens. Isto mostra que são nomes semíticos ocidentais, mas Buz tem ligação tanto com grupos designados como de linhas arameias (*Gn 22.21*) quanto árabes (*Jr 25.23*), assim como Uz (*Jó 1.1*).<sup>41</sup>

Eliú deduz que Jó alegava ser mais justo do que Deus; em outras palavras, Jó se achava na razão na disputa com Deus, o que na verdade era totalmente ao contrário. Jó apenas questionava sua situação e por que Deus a havia permitido.<sup>42</sup> Mas Eliú ficou perplexo com o tom das palavras de Jó, o que mostra que ele não entendeu o que Jó estava passando a ponto de dizer-lhe: “você não está certo” (Jó 33.12).<sup>43</sup> Isso deriva da teologia de Eliú, onde Deus está tão distante e tão inacessível que é muita ousadia pedir o porquê dos atos de Deus. Mas o Deus de quem falam, é um Deus que entende e deseja convívio com o ser humano.<sup>44</sup>

Elifaz, Bildade e Zofar não conseguiram convencer Jó de sua culpa, mas se sentem realizados com a maneira como vivem e com suas observações da existência. Foi isso que deixou Eliú mais irritado. Diante disso, ele vai provar que é capaz de responder a Jó, seguindo outra linha de pensamento e de discussão.<sup>45</sup> É muito bem exposto por Eliú que a palavra sábia é muito bem apreciada pelos ouvidos como o *paladar prova a comida* (Jó 34.3). Isto poderia facilmente tomar-se decadente, quando há mais amor em sua forma sábia de falar e não na expressão da verdade. Era o que acontecia em muitas partes dos discursos de Eliú.<sup>46</sup> Mas, mesmo sendo um orador estranho e vaidoso, isso não o impede de dizer verdades profundas, o que torna o poema belo.<sup>47</sup>

Ele faz uma mistura entre a justiça de Deus, aliando os temas do poder, do conhecimento e da imparcialidade de Deus (Jó 34.10-30), com ataques evidentes contra Jó; assim salienta sua “impiedade” (Jó 34.2-9) e sua “insensatez” (Jó 34.31-37).<sup>48</sup> As palavras ditas com sinceridade por Jó, que segundo Andersen, assimilavam o cerne da questão e que seriam

<sup>40</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 66.

<sup>41</sup> ANDERSEN, 1984, p. 244.

<sup>42</sup> ANDERSEN, 1984, p. 244 e 245.

<sup>43</sup> ANDERSEN, 1985, p. 248.

<sup>44</sup> MESQUITA, 1975, p. 170.

<sup>45</sup> TERRIEN, 1994, p. 254.

<sup>46</sup> ANDERSEN, 1985, p. 250.

<sup>47</sup> TERRIEN, 1994, p. 259.

<sup>48</sup> ANDERSEN, 1985, p. 250.

capaz de levá-los à verdade, foram rejeitadas por Eliú, assim como pelos outros.<sup>49</sup> Assim na cabeça de Eliú, a justiça de Deus e o direito de Jó entraram em oposição. Mas ao mesmo tempo que Eliú é insensível à situação de Jó, em aspectos importantes, ele é diferente de Elifaz, Bildade e Zofar. Ao contrário deles, Eliú tem uma teologia mais profunda do que sua eloquência.<sup>50</sup> Enquanto os amigos afirmavam que o sofrimento é apenas punição pelo pecado, ele acredita no caráter disciplinar e didático da aflição.<sup>51</sup>

Por outro lado, quando analisados, por exemplo os versos 4 ao 8 do capítulo 35, parece que Eliú se coloca num “beco sem saída”. Ali ele afirma que Deus está totalmente indiferente à iniquidade do ser humano, o que vai totalmente contra o que o ele mesmo está defendendo, a saber, a justiça de Deus. Se Eliú está dizendo que a justiça de Deus é perfeita, mas que Ele não dá a mínima importância à conduta do ser humano boa ou má, pois isso não o afeta, é o mesmo que dizer que a justiça nada significa para Deus. O que parece é que Eliú tem uma ideia evasiva que não ajuda no seu argumento de imparcialidade.<sup>52</sup>

Seja qual for a origem dos discursos de Eliú, a sua presença nesse lugar preciso do poema não é desapropriada, apesar de seus erros e de seus amigos. Porque são uma preparação, mesmo negativa e positiva ao mesmo tempo, para a escuta da voz divina no meio da tempestade. Do ponto de vista retórico, eles conseguem deixar um suspense dramático entre o juramento de inocência de Jó (Jó 31.1-40) e a resposta de Deus (Jó 38-41). Eles mostram a incapacidade do homem, por si só, de resolver com profundidade o enigma do sofrimento e preparam o indivíduo para confrontar diretamente a Deus. Eliú não consegue comunicar o que é o pecado diante de Deus pois *somente a escuta das palavras de Deus pode produzir no herói a descoberta hamartiológica*. Mas Eliú consegue fazer crescer o pensamento do leitor. Consegue passar do nível da *egocentricidade* e mostrar um Deus que reina em toda a sua glória. *Nesse sentido, os discursos de Eliú podem ser comparados a um vestíbulo que conduz ao Santo dos Santos*.<sup>53</sup> Deve ser por isso que Eliú não entra na lista daqueles que precisam da oração de Jó para serem perdoados, pois, apesar dos erros, é sincero nas grandes verdades que expõe.

### 1.3 A Sabedoria de Deus em contraste com o conhecimento de Jó

Depois de observar como cada amigo de Jó vê sua situação e o Deus por trás de seu sofrimento, não se poderia de maneira alguma deixar de observar a concepção que o próprio Jó expõe em relação ao seu sofrimento e ao Deus por trás do mesmo. Embora sua tradicional

<sup>49</sup> ANDERSEN, 1985, p. 254.

<sup>50</sup> TERRIEN, 1994, p. 252.

<sup>51</sup> TERRIEN, 1994, p. 263.

<sup>52</sup> ANDERSEN, 1985, p. 255.

<sup>53</sup> TERRIEN, 1994, p. 273.

reputação seja de um homem paciente, Jó, na realidade, representa todos que não conseguem sofrer de braços cruzados, *mas sentem a necessidade de protestar, argumentar e debater*.<sup>54</sup>

É importante ressaltar que, apesar de não haver uma relação clara da aliança, o relacionamento entre Jó e Deus tem semelhança com outros relacionamentos Deus/indivíduo nas Escrituras. Logo, está claro que o Deus a quem Jó clama, questiona e desafia, é o *Deus do Êxodo*, o Deus que protege o pobre e resgata o oprimido. Aquele que tem relacionamento com o ser humano desde o início com Adão e Eva, depois com Noé e Abraão, Moisés e Davi. Que alcança o Novo Testamento, trazendo uma nova aliança.<sup>55</sup>

Jó enfrenta um fato angustiante e encoberto de mistério: este Deus parece o estar tratando como seu inimigo. Não há outra conclusão a que se consiga chegar, pois ele mesmo tinha como concepção o que os sábios pensavam na época, que experiências como as suas são um tratamento devido a um inimigo. Mas a pergunta que surge é: Por que Deus seria seu inimigo? E esta pergunta transcorre por entre todos os seus discursos, e Jó, diante da possibilidade, luta desesperadamente. Jó pergunta-se como provar sua justiça diante de Deus, apelaria para um Juiz se seu “inimigo” fosse humano, mas seu acusador é ao mesmo tempo o Juiz. O que leva a pensar que justiça é o que Deus quer que seja justiça.<sup>56</sup>

Em todas as suas queixas, não há indícios de que Jó tivesse pecado contra Deus, a não ser o fato de recusar submeter-se ao Seu governo, que também era algo abstrato para Jó. Era um homem acostumado a receber bens e não infortúnios, que da mesma forma fazem parte da vida.<sup>57</sup> Diante disso, e por fazer parte de uma época onde o modo de abordarem a Deus era direto e simples, Jó, em suas queixas, tenta encontrar a chave do problema: Quem é o Deus que o aflige por nenhuma razão que ele possa constatar? Sua mente não admite a sugestão de um supremo poder que age irresponsavelmente.<sup>58</sup>

Jó, em seu primeiro discurso no capítulo três, mostra que não é mais o homem benigno e paciente da prosa. Ele é um ser mortal de quem a existência terrestre é tão dolorosa que a morte não lhe causa temor.<sup>59</sup> Este seu lamento inicial provoca seus amigos a questionarem sua teologia e sua sapiência, pois seu lamento induz a uma restituição da criação. Em outras palavras, parece que Jó insinua um descontentamento com o modo do Criador governar o mundo.<sup>60</sup> Mas o que Jó apenas faz é se lamentar por ter chegado diante de seu atual sofrimento.

<sup>54</sup> ALEXANDER, Pat e David. *Manual bíblico SBB*. Trad. Lailah de Noronha. 2.ed. São Paulo: SBB, 2010, p. 352.

<sup>55</sup> CERESKO, 2004, p. 75.

<sup>56</sup> MCKENZIE, 1971, p. 242.

<sup>57</sup> MESQUITA, 1975, p. 37.

<sup>58</sup> MCKENZIE, 1971, p. 243.

<sup>59</sup> TERRIEN, 1994, p. 80.

<sup>60</sup> HOUSE, 2005, p. 551.

Portanto, segundo Andersen, Jó ainda não indaga a Deus, muito menos O repreende por mandar tempestades e crimes a fim de devastar a realização do ser humano. Isso virá nos outros discursos. Não está curioso para saber por que os inocentes sofrem, ou seja, não está interessado em uma explicação convincente de Deus.<sup>61</sup>

Quando Terrien comenta o capítulo nove, mostra que Jó observa que Deus aniquila todos, sem distinção, (vs. 23). Ele é mais ruim do que um destruidor: *zomba, rindo do infortúnio dos inocentes*. Interpreta que, para Jó, Deus é o causador também da injustiça social e da opressão (vs. 24). Terrien diz que: “Enquanto o Deus dos profetas é o juiz soberano da história, o Deus que Jó ataca é um maníaco caprichoso que priva a história de todo o seu sentido... Deus é o único autor do mal numa história desnudada de sentido e movimento.”<sup>62</sup>

Porém, Andersen vê de outra maneira o desabafo de Jó e diz que:

Jó é consistente. Não está acusando Deus de deixar de reconhecer a diferença entre um homem bom e um homem mau. Adotou desde o início a atitude de que o homem bom receberá tanto o bem como o mal das mãos de Deus, com igual bem-aventurança (2.10). Foi bem enfático quanto a isto. Aqui, pois, reconhece outro aspecto disto, em contradição com aquilo que Elifaz e Bildade disseram acerca das sortes opostas dos bons e dos maus: Tanto destrói ele o íntegro como perverso.<sup>63</sup>

Terrien, analisando o capítulo sete, reconhece que também se pode pensar que há fé na maneira com que Jó, no meio da provação, demonstra sua *hostilidade apaixonada* contra Deus. Jó não tem nenhuma evidência da presença positiva ou não de Deus, mas sabe que seu olhar está constantemente sobre ele. Para Jó, Deus pode odiá-lo, mas não se mantém indiferente. E nisso está a sua fé, por mais que esteja ancorada no mais íntimo de seu ser.<sup>64</sup>

Por mais que as palavras de Jó se tornem intrigantes, não se pode enfatizar excessivamente que os sentimentos surpreendentes expressos por Jó significam que *quebrou-se sob a pressão*. O autocontrole não significa não revelar as emoções.<sup>65</sup> O que se percebe é que Jó talvez não entenda que, mesmo quando a sabedoria humana atinge a sua forma mais elaborada e sua manifestação mais universal, mesmo depois de avaliada na vida diária de toda uma sociedade por muito tempo, *ela pode se chocar com o insucesso, individual ou social, com o sofrimento e principalmente com a morte*.<sup>66</sup>

A questão do sofrimento imerecido é posta de maneira desafiadora, pelo autor do livro de Jó. Ele põe em cena um Jó que se queixa de Deus não só aos seus amigos, mas também ao

<sup>61</sup> ANDERSEN, 1985, p. 97.

<sup>62</sup> TERRIEN, 1994, p. 114,

<sup>63</sup> ANDERSEN, 1985, p. 146.

<sup>64</sup> TERRIEN, 1994, p. 102.

<sup>65</sup> ANDERSEN, 1985, p. 97.

<sup>66</sup> VV. AA. *Cadernos Bíblicos: as raízes da sabedoria*. Trad. Benôni Lenos. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 53.



próprio Deus, *cujo olhar e cuja a solicitude são vistos aqui como expressão de uma vigilância intolerável, que constitui justamente o objeto destas censuras*.<sup>67</sup> Jó vira-se contra tudo que lhe cerca, contra a noite, contra o dia e contra o destino que ganhou. É um homem desorientado e confuso.<sup>68</sup>

Porém Jó não vê a Deus lidando com sua vida através de leis. Deus está em contato com ele, mas o ponto de conexão não é a moralidade. Não consegue entender por que Deus agora está agindo de maneira diferente do que acreditava. Mas de alguma maneira, sente que deve recuperar seu relacionamento com Deus, maneira esta que ultrapassa a teologia de seus amigos. Corajosamente, fala diretamente com o agente de tudo que está acontecendo.<sup>69</sup> Sem compreender que o sofrimento é uma das ferramentas de Deus para regenerar seus servos, e que o sofrimento tem uma razão.<sup>70</sup>

Jó esperava por um encontro com Deus (Jó 23.2-7) e ao longo dos diálogos aparece esse desejo. Deus lhe aparece na forma de uma tempestade e Ele finalmente tem seu desejo atendido. Segundo Dillard, a forma como Deus aparece – uma tempestade – *indica que ele está vindo em julgamento (Sl 18; 29; Na 1)*. Jó tinha esperado pelo encontro divino para descobrir a real razão do seu sofrimento. De forma significativa, Deus não responde a essa questão propriamente, a não ser para – segundo Dillard – desaprovar Jó *por difamar a sua divina reputação (Jó 40.8)*: “Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares?”.<sup>71</sup>

De forma definitiva, responde à pergunta que se faz latente do princípio ao fim do livro em relação à fonte da sabedoria. Somente Ele é sábio. Os questionamentos que se seguem manifestam o absoluto *conhecimento e o controle de Deus sobre a ordem natural que ele criou*, e também sobre a ordem moral, *as quais o Senhor contrasta com a ignorância de Jó*.<sup>72</sup> A situação do ser humano diante de Deus encontra-se em dois pontos sólidos:

... a sabedoria de Deus é diferente da do homem; a sabedoria do homem consiste em se esforçar por conhecer a sabedoria de Deus. O homem faz o aprendizado de seus limites; ele pode sempre enganar-se quando julga a si mesmo.<sup>73</sup>

Por todo o livro, a sabedoria de todos é constantemente posta em discussão: a de Jó, a dos amigos e a de Deus. Em tempo algum a sabedoria de Deus foi tão direta e fortemente

<sup>67</sup> VV. AA. 1983, p. 71.

<sup>68</sup> MESQUITA, 1975, p. 33.

<sup>69</sup> ANDERSEN, 1985, p. 189.

<sup>70</sup> MESQUITA, 1975, p. 51.

<sup>71</sup> DILLARD, 2006, p. 194.

<sup>72</sup> DILLARD, 2006, p. 194.

<sup>73</sup> VV. AA, 1983, p. 20.

debatida como por esse *personagem mortificado, que parece não encontrar outro meio para salvar a sua própria sabedoria e evitar a incoerência*.<sup>74</sup> Mas Deus, em sua manifestação, deixa claro, de uma vez por todas, que somente Ele tem a sabedoria absoluta e o motivo pelo qual age de maneiras diferentes para com o ser humano.

Jó, em todo caso, não é esmagado, apesar de reduzido ao silêncio diante de tudo que descobre. É levado a ver Deus de um modo diferente do que olhara antes e perceber que poderia confiar.<sup>75</sup> Jó, apesar de sua impaciência, encontra graça aos olhos de Deus. Pois ele em nenhum momento amaldiçoa a Deus e nem cedeu aos argumentos pálidos de seus amigos. Quando Deus o confrontou, ele respondeu com humildade e submissão. Consequentemente, foi Jó quem intercedeu por seus amigos que defenderam uma falsa sabedoria.<sup>76</sup>

Concluindo este ponto, Jó percebeu que o “Senhor o deu e o Senhor o levou”. Não poderia ser mais difícil e mais extremo reconhecer essa verdade. Nenhum remédio poderia lhe mostrar a explicação que o leitor do livro tem o privilégio de saber (o pecado, Satanás, a aposta...). Mas, mesmo assim, Jó entendeu que havia só Um que era a Origem, Causa e Explicação, e somente Ele poderia ser o Remédio.<sup>77</sup> Jó, mesmo tendo razão em suas queixas e lamentações, soube ver ao final de tudo que: Deus conhece todas as coisas, seus julgamentos estão na devida perspectiva e tudo quanto faz tem um propósito muito maior que o ser humano possa imaginar.

---

<sup>74</sup> VV. AA, 1983, p. 72.

<sup>75</sup> VV. AA, 1983, p. 73.

<sup>76</sup> DILLARD, 2006, p. 195.

<sup>77</sup> ANDERSEN, 1985, p. 233.

## II – A SOBERANIA DE DEUS E OS QUESTIONAMENTOS DE JÓ

Assim como a Sabedoria de Deus foi contestada por causa da situação de sofrimento de Jó, a sua Soberania também é colocada não de forma contestada, mas de forma limitada diante da situação. Jó, apesar de revoltado e angustiado, coloca Deus como soberano e sabe que somente Ele poderia ter permitido isso em sua vida, mas também seria o único que poderia resolver seu sofrimento.

### 2.1 Definição de soberania

O segundo ponto de destaque dentro do livro de Jó, é mais uma vez um dos atributos peculiares de Deus e como a sabedoria, a soberania Divina também é muito debatida pelos personagens principais. Em parte alguma do livro a soberania de Deus é questionada; Jó, Elifaz, Bildade, Zofar e Eliú concordam plenamente entre si na verdade absoluta de que Deus é soberano. Mas a diferença se destaca no modo como Jó vê a soberania de Deus em relação à visão que seus amigos têm sobre a mesma.<sup>78</sup>

A. W. Pink, em sua definição de soberania Divina, diz que:

Dizer que Deus é soberano é declarar que Deus é Deus. Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o Altíssimo, o qual tudo faz segundo a sua vontade no exército dos Céus e entre os moradores da terra; “Não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: que Fazes?” (Dn 4.35). Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é onipotente, possuidor de todo o poder nos céus e na terra, de tal maneira que ninguém pode impedir os seus conselhos, contrariar os seus propósitos ou resistir à sua vontade (Sl 115.3). Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele “governa as nações” (Sl 22.28), estabelecendo reinos, derrubando impérios e determinando o curso das dinastias, segundo o seu agrado. Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o “único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (1 Tm 6.15). Este é o Deus da Bíblia.<sup>79</sup>

Diante das Escrituras, a soberania de Deus é incontestável, fascinante e ilimitada. Declarar o direito de governo do universo criado para glória própria de Deus, é dizer que o mesmo é soberano. Assim como o oleiro tem direito sobre o vaso, de moldá-lo e deixá-lo da forma que desejar, Deus tem esse direito soberano sobre quem Ele desejar, produzindo um vaso de honra e outro de desonra. Nenhuma regra está sobre Ele, Deus é a sua própria regra, portanto não tem que prestar contas de nada com ninguém.<sup>80</sup>

Jó afirma a soberania divina no capítulo 14.1, 5, onde diz: “O homem nascido de mulher, vive pouco tempo e passa por muitas dificuldades... Os dias do homem estão determinados; tu decretastes o número de seus meses e estabeleceste limites que ele não pode

---

<sup>78</sup> ANDERSEN, 1985, p. 124.

<sup>79</sup> PINK, A. W. *Deus é soberano*. Trad. Fiel. 4.ed. São José dos Campos: Fiel, 1997, p. 20.

<sup>80</sup> PINK, 1997, p. 21.

ultrapassar.” Charles Swindoll coloca isso como a vontade absoluta de Deus, que segue o seu curso como planejado por Ele, não podendo ser antecipada, sendo compreendida depois de consumada.<sup>81</sup> Em outras palavras, o mundo não está apenas girando, nem os seres humanos estão à vontade de um destino contingente. Deus criou já estabelecendo *o curso para este mundo e o seu plano para a humanidade*.<sup>82</sup>

Champlin diz que todos os atos de Deus estão encobertos e os humanos enxergam apenas vislumbres do que Ele está fazendo. Para ele, a história de Jó mostra que o sofrimento realça a beleza de um plano muito maior, assim como num tapete o contorno escuro realça a beleza das cores que o completam. Tudo que vem de Deus é necessário, é bom, tudo faz parte de algo belo e maior, mas que aos olhos humanos só se compreende quando o “tapete” da vida está pronto.<sup>83</sup> Deus se mostra soberano em cada vida e também na história, tanto os dias bons como os dias ruins foram feitos por Ele (Ec 7.14).<sup>84</sup>

A soberania Divina está ligada ao que os teólogos chamam de atributos incomunicáveis de Deus, em outras palavras, atributos que somente Deus os têm e não podem ser atribuídos a outra criatura. Dentro disso, está a *onipresença* (Sl 139.7-12), pela qual Deus transcende e preenche toda sua criação; também a *onipotência* (Jr 32.27), que mostra todas as coisas sendo feitas segundo a sua vontade (Is 43.13) e que essa livre vontade é causa final de todas as coisas acontecerem; e, por último, sua *onisciência*, atributo já citado (Sl 139).<sup>85</sup>

Grudem também fala dentro da vontade soberana de Deus, que há o *governo providencial* (vontade secreta), o qual inclui todos os acontecimentos históricos que Deus ordenou que ocorressem.<sup>86</sup> Deus mostra que realmente *usa todas as coisas para cumprir os seus desígnios*, inclusive o mal, para sua glória e para o bem daqueles que o amam e foram chamados de acordo com o seu propósito.<sup>87</sup>

O livro de Jó engrandece a soberania de Deus. Desde o início, fica patente que Deus está no controle, pois também para Satanás diz o que pode ou não fazer. O leitor tem a impressão de que, no decorrer da discussão, Deus não está, mas, na realidade, sabe muito bem o que se passa no coração de Jó e o que ele e seus amigos dizem. Wiersbe destaca que Deus é chamado

<sup>81</sup> SWINDOLL, Charles. *O mistério da vontade de Deus: uma jornada surpreendente no caminho que leva a Deus*. Trad. Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 34.

<sup>82</sup> SWINDOLL, 2001, p. 35.

<sup>83</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *Antigo Testamento interpretado versículo por versículo: II Reis, I Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó*. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, v. 3, p. 1859.

<sup>84</sup> SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de teologia sistemática: revisado e ampliado*. 2.ed. Curitiba: A. D. Santos, 2014, p. 86.

<sup>85</sup> FERREIRA, Flanklin. *Curso Vida Nova de teologia básica: teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 77.

<sup>86</sup> GRUDEM, 1999, p. 262.

<sup>87</sup> GRUDEM, 1999, p. 258.

de “Todo-Poderoso” trinta e uma vezes no livro de Jó.<sup>88</sup> Apesar do mal que acontece na vida de Jó não ser esclarecido como permissão Divina, por esse mal vir de atos iníquos dos sabeus e dos caldeus e também de uma ventania (Jó 1.12, 15, 17, 19), Jó enxergou além e viu como ação da mão do Senhor: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou” (Jó 1.21 NVI). E sem pecar (Jó 1.22) glorifica o nome Deus, reconhecendo a Sua soberania.<sup>89</sup>

## **2.2 Manifestação da soberania divina**

Nos seguintes pontos, a soberania de Deus será estudada diante do livro de Jó, que por sinal ela preenche a história dando o sentido e o contorno, realçando a beleza da história e do propósito do sofrimento de Jó. As questões levantadas mostrarão o Deus acima dos questionamentos de Jó, da criação tão belamente exposta pelo livro e da realidade espiritual que pela primeira vez é colocada de forma tão clara num livro do Antigo Testamento.

### **2.2.1 Na história de Jó**

Andersen vai dizer, em seu comentário, que o problema apresentado na história de Jó, não está em responder satisfatoriamente à questão do sofrimento e a razão do mesmo, mas em como obter um relacionamento certo com Deus que torna a existência do sofrimento benéfica e aceitável.<sup>90</sup> Jó, em seus questionamentos, mostra um relacionamento diferente com Deus que nem seus amigos mais sábios conseguiram assimilar e aceitar. O que não sabiam é que o teste dado por Deus a Jó não tinha como finalidade descobrir se ele poderia ficar imóvel diante da situação, mas que reações teria.<sup>91</sup>

No livro não se vê a famosa paciência de Jó, mas as suas muitas queixas. Tentando com todas as forças sustentar a sua integridade, Jó queixou-se de Deus por atacá-lo (Jó 7.20) e por atingir sua família (Jó 16.7). Jó tinha plena certeza de que toda a sua situação procedia do Deus soberano.<sup>92</sup> Ele o questiona e a também o seu justo governo, desafiando-o a se mostrar e se justificar.<sup>93</sup> Em outros trechos, Jó afirma: “Lança-me na lama, e sou reduzido a pó e cinza” (Jó 30.19). Também diz que: “Contra mim te voltas com dureza e me atacas com a força de tua mão.” (Jó 30.21).

Deus estava presente em toda a situação, apesar da impressão ser contrária. A primeira manifestação da soberania de Deus na vida de Jó acontece no prólogo da história (Jó 1 e 2),

<sup>88</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 72.

<sup>89</sup> GRUDEM, 1999, p. 256.

<sup>90</sup> ANDERSEN, 1985, p. 148.

<sup>91</sup> ANDERSEN, 1985, p. 98.

<sup>92</sup> OLIVEIRA, Orlando de. *Temas complexos da Bíblia*. Porto Alegre: Editora do Autor, 2014, p. 58.

<sup>93</sup> CERESKO, 2004, p. 88.

onde Ele se mostra consciente do que estava permitindo acontecer. Deus sabia que Jó era um homem que fazia de tudo que acreditava agradá-lo (Jó 1.1-5, 8; 2.3). Homem bom que não merecia as destruições que vieram sobre ele, destruições estas que fizeram sua reputação e dignidade se perder.<sup>94</sup> Deus sabia do tamanho sofrimento que Jó sofreria, pois, por incrível que pareça, foi Ele quem o permitiu, mostrando que seus pensamentos e caminhos são movidos por razões amplas demais para a mente humana compreender. Apesar de saber disto, mesmo assim permite este teste na vida de Jó, por saber o que é melhor para *sua própria glória* e para o bem final de Jó.<sup>95</sup> Swindoll, diante da história de Jó, diz não saber por que Deus agiu assim diante das provocações feitas por Satanás, permitindo-o provar a Jó. Mas admite que Jó aprendeu a conhecer o Deus a quem servia.<sup>96</sup>

A segunda manifestação da soberania de Deus na história de Jó foi em seu surpreendente discurso (Jó 38-41), onde irrompe seu aparente silêncio e fala diretamente a Jó. Nesse evento, Ele mostra quem realmente está sobre todas as coisas. Jó, pela primeira vez em todo o seu sofrimento e na sua busca constante por respostas, consegue ouvir a voz de Deus, que seus amigos acreditavam estar representando por seus pensamentos limitados sobre o mesmo. Deus, ao dizer que Ele estava no controle, diz o que Jó precisava ouvir. Mostrou que seu caminho era correto. Apesar da dor, do sofrimento e de tudo mais, Deus foi claro em dizer: *eu reino soberano sobre você*.<sup>97</sup>

Andersen fala que:

Neste compartilhar de uma vida em comum no mesmo mundo, Deus e Jó acham, igualmente, a vindicação que nenhum deles recebera nos discursos dos amigos. A história inteira tomou-se um teste tanto de Deus como de Jó. Aqui está a resposta ao cinismo de Satanás. Aqui está a prova de que Jó apegou-se a Deus depois de destituído de tudo mais. Aqui está a prova de que o homem pode amar a Deus simplesmente pela Sua pessoa e não por causa da recompensa. Aqui, a falta de uma resposta formal à pergunta moral, e, aliás, o enfoque das luzes sobre um só indivíduo, é positivamente instrutivo. Jó é vindicado pela fé na bondade de Deus que sobreviveu a uma privação terrível, na verdade, desenvolvida em seu escopo, sem o apoio do credo histórico de Israel a respeito dos atos poderosos de Deus, sem o apoio da vida na comunidade da aliança, sem o apoio das instituições do culto, sem o apoio do conhecimento revelado pelos profetas, sem o apoio da tradição e contrariada pela experiência.<sup>98</sup>

Mas é incrível notar que na fala de Deus no poema muito pouco se fala a respeito do governo moral d'Ele nas questões humanas, e Suas atitudes ao lidar com o ser humano. Diante

<sup>94</sup> ALEXANDER, 2010, p. 352.

<sup>95</sup> ARCHER JR, Gleason L. *Panorama do Antigo Testamento*. 4.ed. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 571.

<sup>96</sup> SWINDOLL, 2001, p. 42.

<sup>97</sup> SWINDOLL, 2001, p. 101.

<sup>98</sup> ANDERSEN, 1985, p. 270.

de uma primeira leitura, parece que as questões que têm dominado o livro até esta altura são evitadas. Não existe menção à experiência de Jó ou aos seus problemas. Não existe qualquer discussão em relação ao que disseram Jó e seus amigos. A tão esperada hora de finalmente Jó descobrir o que realmente havia acontecido, que dúvidas sobre seu caráter haviam sido levantadas por Satanás, e por isso o Senhor o teria colocado aprova – nada disso é revelado a ele em nenhum momento.<sup>99</sup>

Porém, Jó, mesmo sem as respostas por ele esperadas, se satisfaz com a comunhão imediata com Deus. Por mais que indagações como – “Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares? – foram feitas, foi isso que levou a Jó a se colocar em completa humildade diante de Deus. E seu sofrimento ser solucionado com apenas a presença do soberano Senhor.<sup>100</sup> Jó vê Deus fora de suas concepções e fora daquilo que ele havia planejado e entende que o encontro que tanto almejava tinha como fim fazer com que sua integridade fosse reconhecida diante de todos.<sup>101</sup> Mas, na verdade, o encontro planejado por Deus tinha como objetivo mostrar quem realmente Ele é a Jó.

Andersen explica este momento da seguinte maneira:

Seu efeito original de inculcar em Jó o reconhecimento da sua própria ignorância não visa humilhá-lo. Pelo contrário, a mais alta nobreza de cada pessoa é ser matriculada desta maneira pelo próprio Deus na Sua escola de Sabedoria. E a sala de aulas é o mundo! Para Jó, as descobertas emocionantes para as quais Deus o leva oferecem-lhe um avanço gigantesco no conhecimento, conhecimento de si próprio e de Deus, porque os dois sempre andam juntos na Bíblia. Esta mudança na mente de Jó é tão radical que poderia ser chamada uma conversão; mas não é semelhante, de modo algum, àquela primeira conversão, inevitável para qualquer pessoa que queira entrar na família de Deus, quando o pecador arrependido renuncia seus maus caminhos e recebe o perdão. Semelhante arrependimento não é requerido da parte de Jó, não se pede dele que abra mão da sua declaração de que está com razão.<sup>102</sup>

A excelência do livro é o fato de Jó ser conduzido ao contentamento sem jamais saber tudo sobre o que ocorreu. Algo tinha que ser feito para salvar Jó das acusações de Satanás, considerando a maneira como Satanás levantou a questão. E o teste teria êxito somente se Jó não soubesse do que se tratava. Para que Jó aprendesse a amar a Deus somente por causa do próprio Deus e lhe fosse possível a entrada numa fé genuína, Deus lança-o numa experiência de solidão absoluta. Não é a muitos que Ele concede este privilégio, pois o preço pelas descobertas é de sofrimento terrível. Mas parte da descoberta e principal é ver o devido sofrimento como uma parte da bondade preciosa de Deus. Gravar a história completa de Jó,

<sup>99</sup> ANDERSEN, 1985, p. 269.

<sup>100</sup> CHAMPLIN, 2001, v. 3, p. 1859.

<sup>101</sup> TERRIEN, 1994, p. 47.

<sup>102</sup> ANDERSEN, 1985, p. 268.

mesmo que o teste já tenha passado, conserva-o caminhando pela fé, e não pelo que os olhos veem. Pois que diga ver, não está vendo a situação completa, mas vê a Deus.<sup>103</sup>

A provação é um teste de fidelidade, traz experiência para o filho de Deus e também recompensas. O poder do inimigo é limitado e só pode ser permitido por Deus. Na história de Jó, Satanás teve a sua ação, mas debaixo da mão soberana de Deus, que conhecia a resistência de seu servo, *que depois de aprovado foi aprovado*. Deus lhe deu no final de sua prova grandes bênçãos e uma longa vida. Porém, talvez a maior benção que Jó recebeu foi a de uma visão mais completa de Deus e a consequente visão de suas próprias limitações.<sup>104</sup>

### 2.2.2 No cosmos

Deus, em seu discurso, vai apresentando a Jó uma sequência de questionamentos que envolvem diferentes áreas da criação em si, dos quais Jó não tem conhecimento mesmo com toda sua experiência de vida. Reimer vai dizer que estas áreas consistem em: *fundação e fundamento da terra* (Jó 38.4-7); *domesticação e cuidado do mar* (Jó 38.8-11); *origem e cuidado do amanhecer e da luz* (Jó 38.12,15); *ironia e sarcasmo em relação ao interrogante humano* (Jó 38.16-21); *neve, granizo, chuva e orvalho são atribuições divinas* (Jó 38.22-30); *constelação, céu e clima* (Jó 38.31-38). Em tudo, compreende-se que Deus se mostra, e é apresentado, como um Deus criador e sustentador que reúne em si grandezas e que conserva um vínculo de cuidado com estas áreas, as quais, escapam à imediata compreensão humana e sua conveniente avaliação.<sup>105</sup>

A seleção que o Senhor apresenta de criaturas aos olhos de Jó é singular. Criaturas que falam da sabedoria do seu Criador e de como Ele é maravilho e misterioso.<sup>106</sup> Todas elas são apresentadas ampliando *o assombro diante da dimensão e da complexidade das obras de Deus*. A lista de criaturas inanimadas e animadas são apenas amostra de que obscurecer a soberania de Deus é ser ignorante. Começa com elementos cósmicos, depois fenômenos meteorológicos e finaliza com animais e aves. Alguns desses animais mencionados parecem ser sem beleza, asquerosos, *inúteis* aos seres humanos. Estão longe do ser humano e alguns deles oferecem perigo.<sup>107</sup>

Reimer diz que o espaço onde esses animais vivem é uma espécie de “contramundo” em relação ao mundo humano. Animais que fogem à perspectiva antropocêntrica como: *a presa das leões e dos corvos* (Jó 38.39-41); *o parto das camurças e das corças* (Jó 39.1-4); *a liberdade*

<sup>103</sup> ANDERSEN, 1985, p. 269.

<sup>104</sup> OLIVEIRA, 2014, p. 46 e 47.

<sup>105</sup> REIMER, Haroldo. *Bíblia e ecologia*. São Paulo: Reflexão, 2010, p. 116.

<sup>106</sup> ANDERSEN, 1985, p. 270.

<sup>107</sup> ANDERSEN, 1985, p. 271 e 272.



*do asno selvagem e a inservidão do touro selvagem* (Jó 39.5-12); *a despreocupação da avestruz e a coragem do cavalo* (Jó 39.13-25); e *a percepção do falcão e a distância do urubu* (Jó 39.26-30).<sup>108</sup>

No capítulo 40, Jó é questionado e provocado a responder, mas a sua única afirmação é: “Sou indigno; como posso responder-te? Ponho a mão sobre a minha boca. Falei uma vez, mas não tenho resposta; sim, duas vezes, mas não direi mais nada” (Jó 40.4-5). Aos poucos, Jó descobre seu lugar no universo, do mesmo modo a natureza da relação que liga o ser humano a Deus. Torna-se, quem sabe, ciente, diz Terrien:

...da loucura de suas acusações e da arrogância de seus julgamentos, porque as recordações da vida criadora e da harmonia cósmica o tiraram da prisão de seu egocentrismo e o transportaram para o reino da contemplação universal. Na companhia de Deus, que criou o mundo e dá a vida, mesmo a dos animais misteriosos, cuja função não é justificável segundo uma filosofia pragmática da existência, Jó alarga seu horizonte, abrangendo com o olhar interior a esfera da atividade divina. Ele compreende a sua alegria, mas a sua imensidão o prostra. A sua perplexidade e o seu sofrimento continuam, mas ele não está mais no estado de espírito irritadiço que o levava a protestar sua inocência e a reclamar seus direitos.<sup>109</sup>

As últimas criaturas descritas por Deus que estão debaixo de sua soberania, por mais horríveis e poderosas, são as polêmicas criaturas chamadas de *Beemot* e *Leviatã* (Jó 40.15 – 41.34). O Beemot, muitos acreditam que seja o hipopótamo, criatura que esteve muito presente na mitologia egípcia. Por somente Deus poder caçá-lo e domá-lo, Reimer diz que o poeta, ao descrever este bicho, coloca uma ironia diante de Jó, pois como alguém *que nem de longe teria forças para agarrá-lo de frente ou atravessar-lhe o focinho com um gancho* (Jó 40.24), *poderia pretender questionar o criador?*<sup>110</sup> Já o Leviatã acreditam ser o crocodilo, que também indica essa dimensão não-antropocêntrica da criação. E mais uma vez o texto brinca, afirmando que Deus pode fisgá-lo sem dificuldade nenhuma (Jó 40.29). Fica claro que, de um lado está a proporção do poder de Deus, e do outro, a proporção da complexidade da criação.<sup>111</sup>

### 2.2.3 Na realidade espiritual

Os primeiros capítulos do livro de Jó trazem questões complexas, mas que esclarecem uma grande verdade sobre a soberania de Deus. Todos estão de baixo da sua vontade e de seus planos, inclusive Satanás. A história de Jó só é compreendida de forma correta pelos leitores, porque o autor permite a visita à sala do trono de Deus e ouvir a conversa entre eles.<sup>112</sup> Champlin

<sup>108</sup> REIMER, 2010, p. 117.

<sup>109</sup> TERRIEN, 1994, p. 287 e 288.

<sup>110</sup> REIMER, 2010, p. 119.

<sup>111</sup> REIMER, 2010, p. 120.

<sup>112</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 9.

acha melhor compreender este prólogo como escrito por autor diferente daquele que compôs o poema, e como um *artifício literário* que não tem como intenção mostrar um Deus que barganha com Satanás e faz seus servos sofrerem injustamente.<sup>113</sup> Porém é complicado pensar que dois autores diferentes possam ter escrito a obra, pois a harmonia do livro, apesar de complicada, mostra-se presente. Não se sabe como o autor pensou na hora de juntar poema e prólogo, mas é evidente que não foi pensado depois da obra pronta.<sup>114</sup> Mas o que se pode ver desse prólogo é que: Deus está assentado em seu trono, os anjos lhe prestam contas e fazem a sua vontade, e nem mesmo Satanás está sem o limite da soberania Divina.<sup>115</sup>

Há uma doutrina filosófica dualista chamada *maniqueísmo*, que acredita que no mundo predominam duas forças contrárias equivalentes, que existem de forma interdependente. Isso é o que se conhece de “bem e mal”, “luz e trevas”, “Deus e Satanás”. Doutrina esta que não tem qualquer amparo bíblico.<sup>116</sup> Sayão diz que a forma como o livro de Jó apresenta Satanás é totalmente ao contrário dessa filosofia. Pela Bíblia trazer o que se chama de *revelação progressiva*<sup>117</sup>, ela não fala diretamente, no livro de Jó, o papel de Satanás como opositor de Deus e de suas obras, mas realça que ele não é o *rei do inferno* e muito menos deus do mal, mas sim uma criatura de Deus. Sayão também esclarece a questão de Satanás ter acesso ao trono de Deus ou aparentemente ao céu, dizendo que há uma dimensão no mundo espiritual – dos seres espirituais – a que Satanás também tem acesso, mas que este lugar não é o céu onde os justos irão morar e nem o lugar de onde foi expulso.<sup>118</sup>

Andersen diz que:

É difícil examinar o papel e o caráter de Satanás em Jó sem pensar no Diabo visto na literatura posterior — o acusador em Zacarias, o Espírito da Perversidade nos Rolos do Mar Morto, o tentador no Novo Testamento, sem mencionar as fantasias que se reuniram sobre ele na tradição posterior. Se ele ainda é apenas o provocador dos homens, e não o opositor de Deus, não devemos seguir os comentaristas que o veem aqui simplesmente como outro dos servos leais de Deus. A sua insolência demonstra uma mente já pervertida e longe de Deus, mas sua hostilidade não está na escala de uma potência rival. Aqui há maldade, mas não dualismo. Satanás pode ser o principal causador de confusão no universo, mas é uma mera criatura, insignificante em comparação com o Senhor. Pode fazer apenas aquilo que Deus permite que faça. Na assembleia, é mais um perturbador da ordem de que um oficial. Compará-lo com o policial secreto perambulante da administração persa, que espionava os descontentes e dava parte ao rei nos casos de deslealdade, é valorizá-lo

<sup>113</sup> CHAMPLIN, 2001, v. 3, p. 1859.

<sup>114</sup> DILLARD, 2006, p. 192.

<sup>115</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 9.

<sup>116</sup> OLIVEIRA 2014, p. 47.

<sup>117</sup> Uma revelação que cresce cada vez mais desde Gênesis até Apocalipse.

<sup>118</sup> SAYÃO, Luiz. *Comentário rota 66: Poéticos*. São Paulo: RTM, 2008.

demais. Não é o ministro de promotoria pública de Deus; é o Senhor, e não Satanás, quem traz à tona o caso de Jó.<sup>119</sup>

Esta é uma das singularidades mais fascinantes do poder de Deus, fazer com que o mal seja redirecionado para consumação do que é importante a seus planos, *usando o mal a favor do bem*.<sup>120</sup> Há muitos textos bíblicos que nos mostram isso, Deus tanto sobre os espíritos bons como maus: I Sm 16.14 e I Rs 22.21. Tanto anjos como demônios estão a serviço do governo de Deus; apesar de Satanás estar no mundo para prejudicar e deturpar os planos divinos, ele não tem poder para fazer o que deseja.<sup>121</sup> Por mais que seja dificultoso compreender, é certo saber que: uma conversa entre Deus e Satanás expõe que, por trás do sofrimento de um servo de Deus, pode haver um componente oculto, do qual o ser humano não tem controle e nem conhecimento.<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> ANDERSEN, 1985, p. 80.

<sup>120</sup> OLIVEIRA 2014, p. 46.

<sup>121</sup> MESQUITA, 1975, p. 23.

<sup>122</sup> SAYÃO, Luiz. *Comentário rota 66: Poéticos*. São Paulo: RTM, 2008.

### III – O CUIDADO E A JUSTIÇA DE DEUS E A RESPOSTA HUMANA

Jó não se cansava de falar sobre sua integridade e justiça, além de exigir de Deus respostas também sobre Sua justiça e seu modo de lidar com os seres humanos. Seus amigos, porém, colocavam a justiça de Deus dentro de uma caixa limitada, onde a ação de Deus não podia ser diferente da teologia em que acreditavam. Deus então se revela e mostra a todos eles quem realmente Ele é e como age com suas criaturas. E neste capítulo a questão que envolve Seu cuidado e Sua justiça será tratada, juntamente com as respectivas respostas desses personagens diante do que descobrem sobre Deus e da queda das teorias de Satanás lançadas sobre isso.

#### 3.1 A concepção de cuidado e justiça

O cuidado de Deus pode ser relacionado a Sua benevolência, descrita por Erickson como a dimensão básica do amor Divino. Deus cuida do bem-estar de todos que ama, mostrando interesse altruísta em benefício de seu servo.<sup>123</sup> Mas também se pode relacionar o cuidado de Deus com o que Grudem chama de *zelo* de Deus, significando “alguém comprometido com a busca da honra ou do bem estar de outrem ou de si mesmo.”<sup>124</sup> O que vai de encontro com a intenção de Deus demonstrada nos dois primeiros capítulos, de zelar pela honra de Jó e a sua própria honra, que estavam sendo atacadas por Satanás.

Porém, Franklin Ferreira, também relacionada o cuidado de Deus com a *Providência Divina* dizendo que:

A ação de Deus na criação se dá por meio de sua providência, que é o seu cuidado permanente sobre toda criação, guiando a história e dirigindo todas as coisas para seu determinado fim. Afinal, Deus é aquele “que faz todas as coisas conforme o conselho de sua vontade” (Ef 1.11). Como o *Catecismo de Heidelberg* (Pergunta 27) ensina, a providência de Deus “é a força toda-poderosa e presente, com que Deus, como se fosse por suas mãos, sustenta e governa o céu, a terra e todas as criaturas. Assim, ervas e plantas, chuva e seca, anos frutíferos e infrutíferos, comida e bebida, saúde e doença, riqueza e pobreza e todas as coisas não nos sobrevêm por acaso, mas de sua mão paternal”. A providência é a criação continuada (*continuata creativo*), assim como a realização da soberania de Deus na história. Essa doutrina encontra seu texto básico em Gênesis 50.17-20...<sup>125</sup>

Este cuidado inclui a justiça de Deus, que, segundo Smith, se visualiza através da *autoridade e soberania, decisões justas e imparciais* e a *capacidade de perceber e interpretar corretamente toda as evidências*. O que qualifica Deus como juiz é a sua habilidade de olhar

---

<sup>123</sup> ERICKSON, 1997, p. 123.

<sup>124</sup> GRUDEM, 1999, p. 151.

<sup>125</sup> FERREIRA, 2013, p. 82.

no interior das pessoas e avaliar as motivações e o seu caráter.<sup>126</sup> Ele possui autoridade para isso, a bondade que O faz amar o que é certo, a sabedoria (como já vista) e o poder que lhe permite declarar sua sentença.<sup>127</sup>

Esta justiça de Deus está diretamente relacionada com sua retidão.<sup>128</sup> Juiz significa que alguém age como juiz, já o substantivo reto se refere a uma pessoa correta. A *retidão vai além de justiça*, pois justiça com regularidade é exata e inflexível, porém retidão é benevolente, gentil e generosa. E por isso, a retidão de Deus não pode estar separada da imagem de Deus como juiz.<sup>129</sup>

Nas Escrituras, quando a justiça Divina é abordada, colocando se Deus é justo ou não, a resposta final sempre é que o ser humano não tem direito de dizer que Deus não é justo ou reto, pois, sendo criatura, não pode dizer isso do criador. Paulo deixa claro que o ser humano não tem o direito de discutir com Deus sua justiça, pois Deus sendo seu criador, pode fazer com ele o que bem entender ser justo. (Romanos 9.20-21).<sup>130</sup> Jó, ao exigir uma audiência com Deus (Jó 13.3; 15, 18), exigia também uma explicação sobre como estava agindo em relação a ele. No verso sete do capítulo dezenove e dois do capítulo vinte e sete, mostra que ao seu ver, Deus não está o tratando com justiça. Jó, porém, quando recebeu a chance de justificar-se diante de Deus se calou.<sup>131</sup>

Ainda que não tivesse alguém para representá-lo, Jó estava falando sério sobre encontrar-se com Deus em um tribunal. “Mas desejo falar ao Todo-Poderoso e defender a minha causa diante de Deus” (13:3). “...certo é que defenderei os meus caminhos” (v. 15). “Agora que preparei a minha defesa, sei que serei justificado.” (v. 18). A seu ver, Deus não o estava tratando com justiça. “Se grito: É justiça! Não obtenho resposta; clamo por socorro, todavia não há justiça.” (19:7). Deus havia tirado seu “direito” (27:2), e Jó exigiu uma oportunidade de ser ouvido diante do trono de Deus. Porém, quando recebeu essa chance, Jó calou-se.

Apesar dos amigos mostrarem a *retribuição* da justiça Divina num olhar que exclui a graça e misericórdia de Deus, ainda assim ela faz parte natural do caráter Divino. Deus decidiu ser juiz entre os seres humanos, dando a cada um conforme as suas obras. Isso quer dizer que, cedo ou tarde, aqui ou na vida futura, todos colherão aquilo que plantaram.<sup>132</sup> Mas isso não quer

<sup>126</sup> SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Trad. Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p 206.

<sup>127</sup> PACKER, 1996, p. 170 e 171.

<sup>128</sup> FERREIRA, 2013, p. 78.

<sup>129</sup> SMITH, 2001, p. 209 e 210.

<sup>130</sup> GRUDEM, 1999, p. 150.

<sup>131</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 25.

<sup>132</sup> PACKER, 1996, p. 172.

dizer que Deus distribui no mundo sofrimentos e prosperidades em proporção ao mal ou ao bem que as pessoas fazem. Deus continua soberano sobre os seres humanos.<sup>133</sup>

O que se pode ter certeza é que Jó sofreu e hoje muitos justos sofrem pela mesma razão por que nasceu cego o homem, como registrado em João 9. Ali, os discípulos, ao olharem o cego, pensaram o mesmo tipo de doutrina da retribuição defendida pelos três amigos: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego? Disse Jesus: Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”. A verdade, apesar de difícil de Jó e do homem cego, é que Deus é glorificado por meio do sofrimento de seus fiéis servos.<sup>134</sup>

### 3.2 O cuidado com seus servos (humanidade)

Aprofundando mais a questão da providência Divina, Herber Campos diz, em relação aos seres humanos, que Deus cuida de cada pessoa desde a concepção. Providencia o lugar do nascimento, o tempo e as pessoas que serão seus pais. Não é por acaso nada do que acontece na vida de uma pessoa e tudo é produto da vontade providencial de Deus. E, por isso, o ser humano é dependente de Deus para o seu sustento diário (Sl 144.15).<sup>135</sup> Campos continua dizendo que:

As providências divinas atingem todos os homens, sejam eles bons ou mãos, justos ou injustos. Todos os atos de suas vidas estão debaixo do controle de Deus, isto é, “estão nas mãos de Deus”. No sentido mais escrito, não existe nada mundano ou estranho aos planos divinos na vida das pessoas. Tudo o que lhes vêm é produto dos decretos divinos (139.16) e sua atividade na vida deles direta ou indiretamente.<sup>136</sup>

Na Bíblia há vários textos que informam sobre o governo providencial de Deus em relação aos seres humanos como: seu nascimento *e sua sorte na vida* (1 Sm 16.1; Sl 139.16; Is 45.5; Gl 1.15, 16); as conquistas e frustrações que o cercam (Sl 75.6, 7; Lc 1.52); sobre as coisas, que, à primeira vista, parecem acidentais ou irrelevantes (Pv 16.33; Mt 10.30; *na proteção dos justos* (Sl 4.8; 5.12; 63.8; 121.3; Rm 8.28); na provisão das necessidades do povo de Deus (Gn 22.8, 14; Dt 8.3; Fp 4.19); *nas respostas à oração* (1Sm 1.19; Is 20.5, 6; 2Cr 33.13; Sl 65.2; Mt 7.7; Lc 18.7, 8; e na revelação do caráter e do castigo dos ímpios (Sl 72.12, 13; 11.6).<sup>137</sup>

Wiersbe enfatiza que:

<sup>133</sup>PIPER, John. *Quando o justo sofre*: parte 1. 08 out. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wZgqNu5ARdE>> Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>134</sup>DILLARD, 2006, p. 199.

<sup>135</sup>CAMPOS, Heber Carlos de. *O ser de Deus e as suas obras*: a providência e a sua realização histórica. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 69.

<sup>136</sup>CAMPOS, 2001, p. 72.

<sup>137</sup>BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 2.ed. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 155.

A providência de Deus é, sem dúvida, extraordinária (ver SI 104). Em sua sabedoria e poder, Deus supervisiona todo o universo e se certifica de que todas as criaturas recebam os cuidados de que necessitam. "Abre as mãos e satisfazes de benevolência a todo vivente" (SI 145:16). Nós, seres humanos, temos dificuldade de manter o maquinário da vida operando corretamente, mas Deus dirige todo o universo com tal precisão que construímos nossas leis científicas sobre sua criação.<sup>138</sup>

É importante observar que *o indivíduo não está na comunidade como um grão de areia perdido*. Deus preocupa-se com o ser humano em particular. Deus se faz experimentar na vida das pessoas, e os fiéis podem constatar isso, merecendo toda a credibilidade e gratidão. Toda vida é rodeada pelo cuidado de Deus (Jeremias 1.5) e *todos os acontecimentos obscuros e enigmáticos da vida procedem dele* (Is 45.5ss).<sup>139</sup> Pelo cuidado e a providência de Deus estarem relacionados num sentido amplo com o Seu propósito escatológico, eles não trazem pontualmente prosperidade ou segurança. Deus pode também mandar fracassos, renúncias e as *coisas mais lindas podem quebrar-se*. Possivelmente as perguntas “por que” e “para que” não terão respostas, pois o que realmente importa é o Reino de Deus que virá, que pode ser uma ajuda à saúde, às posses e o sucesso para se chegar lá, mas também um obstáculo. *O que o homem chama desgraça, tanto pode condenar como ajudar. Quem crê na providência crê no mistério de Deus*.<sup>140</sup>

Diferente dos problemas – que estão aí para serem solucionados – os mistérios são *para serem vividos na relação com os outros*. A maior agonia de Jó surge da confusão a respeito da sua relação com Deus. Será Deus seu inimigo? A partir deste ponto de vista, o Senhor lhe oferece resposta em seu discurso, no qual mostra claramente que estava o tempo todo presente mantendo uma relação de cuidado com Jó. Por mais que ele, talvez, não tenha compreendido os motivos do seu sofrimento, Jó descobre que não estava sozinho e isso o fortalece. *E assim, o ponto de vista do livro é menos uma questão de teologia e mais um mistério da fé: relação do ser humano com Deus*.<sup>141</sup>

Relacionando isso ao livro de Jó, há duas conclusões antes do desfecho do livro em relação ao sofrimento existente. Os amigos acreditavam que o sofrimento é a prova de pecado e Jó, que o mesmo é a prova da arbitrariedade de Deus no mundo. Porém, na fala de Eliú, a questão do sofrimento é ligada ao cuidado de Deus, pois o sofrimento do justo não é um indício de inimizade de Deus, nem um castigo dos seus pecados, porém um aperfeiçoamento de sua

<sup>138</sup> WIERSBE, 2006, v. 3, p. 80.

<sup>139</sup> SCHMAUS, Michael. *A fé na igreja: cristologia*. Trad. Marçal Versiane. Petrópolis, 1976, p. 70.

<sup>140</sup> SCHMAUS, 1976, v. 2, p. 72.

<sup>141</sup> SPERANDIO, João Manoel. *O livro de Jó*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos\\_biblicos/o-livro-de-jo.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos_biblicos/o-livro-de-jo.html)> Acesso em: 01 jul. 2016.

justiça. *Não é uma preparação para a destruição, mas uma proteção contra a destruição.*<sup>142</sup> Nisso, conclui-se que o sofrimento não é dado sem propósito no meio do povo de Deus, pois seu objetivo é refinar a fé, ampliar a santidade, salvando a alma dos servos e glorificando a Deus.<sup>143</sup> Em outras palavras, Deus mostrou seu cuidado providencial na vida de Jó através do sofrimento.

Em relação à Justiça de Deus diante de Jó, Grudem diz:

Em resposta à pergunta de Jó sobre se Deus fora justo no tratamento dado a ele, diz Deus: “Acaso quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso: [...] Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares?” (Jó 40.2, 8). Deus então responde *não* em termos de uma explicação que permitiria que Jó *compreendesse* por que os atos de Deus eram justos, mas antes em termos de uma afirmação da própria majestade e poder divinos! Deus não precisa explicar a justiça dos seus atos a Jó, pois Deus é o Criador de Jó, a criatura. “Tens braços como Deus ou podes tropejar com a voz como ele faz” (Jó 40.9). “Acaso, desde que começaram os teus dias, deste ordem a madrugada ou fizeste a alva saber o seu lugar...?” (Jó 38.34-35). “Ou dás tu força ao cavalo...? (Jó 39.19). “Ou é pela tua inteligência que voa o falcão, estendendo as asas para o Sul?” (Jó 39.26). Jó responde: “Sou indigno; que te responderia eu? Ponho a mão na minha boca” (Jó 40.4).<sup>144</sup>

Apesar de ser clara essa ideia aos olhos dos leitores e dos estudiosos do livro de Jó, é incrível ver que Jó não teve seu coração satisfeito por descobrir o cuidado e a justiça de Deus, mas por descobrir o Deus justo que o cuidava. E diante desse Deus não havia o que dizer. Apesar do tom agressivo de Deus em seu discurso, Ele não contraria os argumentos de Jó sobre sua integridade. Porém, leva Jó a refletir de que pode e deve entregar a questão inteira completamente a Deus, *com mais confiança, e com menos queixas*, sem exigir de Deus respostas para todas as perguntas e absolvição.<sup>145</sup> Por vezes, Jó questionou a Deus por não responder às suas lamentações, a ponto de tratá-lo como adversário. Porém é levado a ser questionado pelo próprio Deus, e com isso a ver que as coisas não eram como ele achava ser.<sup>146</sup>

O autor do livro é claro em mostrar, segundo Andersen, que:

Somente Deus pode destruir de modo criador. Somente Deus pode transformar o mal em bem. Como Criador, responsável por tudo quanto acontece no Seu mundo, é capaz de fazer tudo (bom e mau) cooperar para o bem. O debate foi elevado a um nível diferente. A realidade da bondade de Deus fica além da justiça. É por isso que as categorias da culpa e do castigo, por mais verdadeiras

<sup>142</sup> PARTICULAR, Hermenêutica. *Séries de sermões do pastor John Piper: Jó: santificação através do sofrimento*, entendendo o sofrimento na vida do justo. Trad. Beatriz Rustiguel da Silva. Hermenêutica Particular. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/173354228/John-Piper-Santificac-a-o-atrave-s-do-sofrimento>> 2008, p. 4. Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>143</sup> PARTICULAR, 2008, disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/173354228/John-Piper-Santificac-a-o-atrave-s-do-sofrimento>> p. 9. Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>144</sup> GRUDEM, 1999, p. 150.

<sup>145</sup> ANDERSEN, 1985, p. 286.

<sup>146</sup> MESQUITA, 1975, p. 206.



e terríveis que sejam, somente podem ver o sofrimento humano como uma consequência do pecado, não como uma ocasião da graça.<sup>147</sup>

E a resposta de Jó diante disso só poderia ser uma: “Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos seus planos pode ser frustrado.” Jó sentiu-se satisfeito e sua compreensão de Deus foi expandida, ultrapassando os limites anteriores. Percebendo, então, ser uma parte minúscula da harmonia do mundo de Deus, o qual aprende apreciar de uma forma nova. Porém, isso não o deixa sentir-se insignificante, mas o ajuda a reconhecer que nem mesmo *pode começar a imaginar como seria a existência de Deus*.<sup>148</sup> Andersen diz:

O mundo é belo e aterrorizador, Deus está em todos os lugares, visto como poderoso e sábio, e mais misterioso quando Ele é conhecido do que quando é apenas discernido de modo pouco claro. O Senhor falou a Jó. Este fato em si só é maravilhoso além de todas as maravilhas. Jó cresceu em sabedoria. Está ao mesmo tempo encantado e envergonhado. Sua primeira expressão impetuosa e espontânea, tão diferente da reserva na sua resposta ao primeiro discurso, é uma expressão de admiração irrestrita...<sup>149</sup>

Jó reconheceu a sua limitação do seu conhecimento e que não entendia sobre as coisas que tanto havia falado, pois eram maravilhosas demais para o seu entendimento. *Este é um grito de um homem libertado*, diferente de um homem humilhado e destruído. Deus passou a preencher toda a sua visão, apesar de ter conhecido muito de si mesmo, Deus veio em primeiro lugar e o fez exclamar: “...agora meus olhos te viram.”<sup>150</sup> Se Jó e seus amigos tivessem reconhecido desde o início que nenhum deles havia entendimento suficiente para entender o Deus sobre qual debatiam, não teriam obscurecido a verdade dos designios de Deus e teriam evitado toda a discussão.<sup>151</sup> Mas isso foi necessário para que Jó descobrisse o relacionamento incrível que poderia ter com o Deus, do qual apenas tinha ouvido.

A situação de Jó, nesta altura, é naturalmente diferente de uma simples reparação ou uma manifestação de horror ou de ira a si mesmo. É a resposta do ser humano *no encontro imediato não só com o “sagrado”, mas também com o “Santo”*, sendo tomado por sua limitação ao receber a revelação do ilimitado e infinito ao qual cria. Jó, diante do Ser que ele identificava como *a fonte e o motor de sua existência, perde o desejo de afirmação de si mesmo*. Ele tem apenas uma coisa a acrescentar: “e me arrependo no pó e na cinza”.<sup>152</sup>

Já seus amigos, Elifáz, Bildade e Zofar, Deus virou-se para eles depois de falar com Jó para os desaprovar veementemente por terem sido ignorantes ao falarem sobre Ele. Não falaram o que era reto diante de Deus. Condutores de um pensamento da época, cheios de uma

<sup>147</sup> ANDERSEN, 1985, p. 287.

<sup>148</sup> ANDERSEN, 1985, p. 290.

<sup>149</sup> ANDERSEN, 1985, p. 290.

<sup>150</sup> ANDERSEN, 1985, p. 291.

<sup>151</sup> MESQUITA, 1975, p. 194.

<sup>152</sup> ANDERSEN, 1985, p. 301.

teologia mal aplicada, mas sem nenhuma palavra que pudesse acalmar e aliviar o que Jó estava passando. O que sabiam de Deus era de um ser vingativo, que não tem benevolência para com o ser humano pecador. E como Mesquita diz: *falsearam a doutrina a respeito de Deus* – em busca apenas de estarem certos.<sup>153</sup> Diante disso, depois da repreensão de Deus (Jó 42.7-10), não havia o que dizer ou que contestar. O que lhes restava era obedecer à ordem do Senhor, de oferecer holocaustos e pedir que Jó orasse em favor deles, para que Deus os perdoasse.<sup>154</sup> Nisso tudo, o surpreendente é Deus se mostrar aos três exatamente ao contrário do que acreditavam sobre Ele.

Estes homens, ao contrário de Jó – que se deixou envolver no mistério do que lhe estava acontecendo e deu licença para a liberdade de Deus – não receberam este mistério...

Caíram no permanente perigo de muitos pseudo-religiosos, de ontem e de hoje: buscar no passado todas as referências sobre Deus, sem perceber que o Deus bíblico está sempre nos surpreendendo e impulsionando para a novidade do futuro (cf. Gn 12 1-3). É nessa fronteira misteriosa da novidade e da surpresa o lugar onde Deus esperava por seu amigo, e seu amigo não falhou. Jó falou de sua experiência pessoal (Mistério) com honestidade e justiça, e por causa disso foi capaz de falar de Deus da mesma forma. Em suma, Jó se comportou como um homem de fé. Seus amigos se revelaram pessoas apenas superficialmente piedosas.<sup>155</sup>

As duas respostas, de Jó e de seus amigos, correspondem a uma reação adequada diante do que descobriram de Deus. Tanto a humilhação de Jó e o silêncio de Elifáz, Bildade e Zofar mostram a conclusão que chegaram sobre o ser de Deus e sua relação com os seres humanos e com todo o resto da criação. Relação óbvia de sabedoria, soberania, cuidado e justiça. Que a esse Deus nada se pode acrescentar e muito menos tirar. Ele age conforme seu pleno saber e tudo que Ele faz é digno de confiança, mesmo que isso envolva um mistério como o sofrimento.

### 3.3 As acusações de Satanás não têm fundamento

O livro de Jó não apresenta uma resposta de Satanás depois de suas teorias serem derrubadas. Mas vale a pena lembrar e observar como sua tese sobre a justiça e o cuidado de Deus não tinham fundamento real. Isso não quer dizer que a contribuição de Satanás à ação do livro tem alguma importância, pois é secundária e seu lugar na teologia do livro menor ainda.<sup>156</sup> Por isso torna-se mais agradável ver suas teses sendo derrubadas. Ele visava destruir a alegria que Jó tinha em Deus e o valor que ele dava a Deus. Porém, Deus visa magnificar a sua honra e o espelho no qual ele escolhe para refletir isso é a alegria inquebrável de seus servos, mesmo

<sup>153</sup> MESQUITA, 1975, p. 221.

<sup>154</sup> MESQUITA, 1975, p. 222.

<sup>155</sup> SPERANDIO, disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos\\_biblicos/o-livro-de-jo.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos_biblicos/o-livro-de-jo.html)>. Acesso em: 01 jul. 2016.

<sup>156</sup> ANDERSEN, 1985, p. 80.

que percam tudo na terra. E nisso concede – como já visto – um poder limitado para Satanás causar dor.<sup>157</sup>

No início, observa-se Satanás se mostrando cínico com relação à integridade religiosa de Jó; porém o Senhor está muito contente com ele. Satanás debocha, replicando que Jó é movido por interesse, e que nunca passou por sofrimento nenhum. Mas o *Senhor está confiante que um homem do caráter de Jó não pode ser facilmente quebrado*. Ele tinha razão, mostrando a Satanás e a todos os céticos *que veem somente a maldade incurável da raça humana*.<sup>158</sup> Deus estava realmente orgulhoso da honestidade de Jó, mas segundo Satanás, se Jó viesse a perder tudo, ele permaneceria o mesmo? E Deus, num quadro onde a cultura era de *honra e vergonha* vê que Jó estava sendo julgado, e por isso permite que Satanás o sujeite ao teste.<sup>159</sup>

Andersen diz que:

Satanás crê que nada pode ser genuinamente bom nem Jó na sua piedade desinteressada, nem Deus na Sua generosidade igualmente sem interesse. A fé na bondade de Deus é o âmago, do amor, da esperança, da alegria, e de todas as demais coisas radiantes: o cinismo é a descrença deliberada; e uma mente voltada para sua própria malícia, é o horror final daquilo que é diabólico. Satanás faz sua pergunta com zombaria: Porventura Jó debalde teme a Deus? Sabe o suficiente acerca das pessoas religiosas para se convencer que estão dentro da religião visando o que podem extrair dela. Sem dúvida, isto, às vezes, é verdade. Mas “os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições” (Mc 4.19) logo desviam tais pessoas de Deus. Satanás sabe quão nociva zombaria é lembrar a Deus tais decepções.<sup>160</sup>

Assim, as questões básicas do livro são colocadas. Tanto o caráter de Deus quanto o de Jó são afrontados. Porém, Jó de primeira mostra que amava a Deus não por sua prosperidade e pelo efeito dela em sua vida. Iniciou a vida com nada, por que sairia dela com tudo? Tudo pertence a Deus de modo incondicional, que não são feitas para serem reivindicadas, mas para serem dadas segundo o Seu querer e também tiradas sem imputar a Deus injustiça.<sup>161</sup>

Porém, Satanás volta atacar o caráter de Deus e de Jó, colocando que a prova deveria continuar e dessa vez a vida de Jó deveria ser ameaçada.<sup>162</sup> Segundo Satanás, Deus conserva um cerco protetor ao redor de Jó. Suas riquezas eram apenas um escudo sobre ele, querendo dizer assim, que Jó não precisava se importar com nada a não ser com sua vida.<sup>163</sup> Mas, apesar da vida ser muito preciosa aos seres humanos, há coisas de mais valor, como o relacionamento

<sup>157</sup> PIPER, 2013, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wZgqNu5ARdE>> Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>158</sup> ANDERSEN, 1985, p. 75.

<sup>159</sup> SPERANDIO, disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos\\_biblicos/o-livro-de-jo.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos_biblicos/o-livro-de-jo.html)>. Acesso em: 01 jul. 2016.

<sup>160</sup> ANDERSEN, 1985, p. 81.

<sup>161</sup> ANDERSEN, 1985, p. 82 e 86.

<sup>162</sup> MESQUITA, 1975, p. 27.

<sup>163</sup> ANDERSEN, 1985, p. 87 e 88.

com Deus, e provavelmente Satanás não conhecia isso<sup>164</sup>, e mais uma vez Jó se sai bem na prova e não insulta a Deus como o diabo havia previsto.

O resto do livro esquece este personagem malicioso e arrogante, mas não deixa de mostrar o quão Deus é justo e soberano sobre a vida de seus servos. Pois a palavra que Satanás lançou para o mal, Deus intentou para o bem.<sup>165</sup> Mostra isso não somente a ele, mas a todos que por algum instante duvidaram ou prenderam esta verdade dentro da teologia limitada da retribuição. Deus cuidava e era justo com Jó antes de seu sofrimento, durante e depois dele. Em nenhum momento se mostrou menos do que Ele é, mas surpreendentemente revelou ser muito maior. Jó foi satisfeito com isso, Satanás foi calado e os três homens tão confiantes de seu conhecimento, repreendidos por não reconhecerem o Deus a quem serviam.

---

<sup>164</sup> MESQUITA, 1975, p. 27.

<sup>165</sup> PIPER, 2013, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wZgqNu5ARdE>> Acesso em: 20 jun. 2016.

## CONCLUSÃO

O livro de Jó é indispensável, por mais de tudo quanto se sabe de Deus, em relação ao seu poder, a sua bondade, o seu amor por este mundo, não há chance de ser dispensado um livro tão rico. Pois, é o mais forte documentário que existe sobre *teologia, teogonia e muitas outras ciências, que só nos últimos tempos se tornaram mais ou menos conhecidas*.<sup>166</sup> Através desses diálogos singulares, de onde surge um homem profundo apto de assumir e refletir a humanidade sofredora, o conhecimento de Deus, do ser humano e de suas ligações, assume novas dimensões.<sup>167</sup>

A história de Jó, do início ao fim, tem este objetivo. Mostrar o Deus por trás tanto da bonança como do sofrimento e seu relacionamento com aqueles que se entregam a esse Deus, que, mesmo sem entender, reconhecem, por fim, que Ele sabe todas as coisas e que a Sua sabedoria não tem como ser debatida ou ofuscada pelo conhecimento humano. Pois a condição do ser humano diante de Deus está sobre dois pontos firmes: a sabedoria de Deus é distinta da sabedoria do ser humano; a sabedoria do ser humano resume-se em lutar por compreender a sabedoria de Deus. Assim, o indivíduo conhece os seus limites e reconhece que pode enganar-se *quando julga a si mesmo*.<sup>168</sup>

Quando se tenta explicar a Deus e suas ações através do próprio conhecimento humano, cai-se no erro de limitá-Lo a este conhecimento, quando na verdade Deus está muito além de qualquer sabedoria humana. Nenhuma criatura pode definir com propriedade os feitos de Deus e quem Ele é. Não há tradições, nem histórias e muito menos dogmas que traduzam o que Deus faz ou o que irá fazer na criação e na vida de seus servos. O livro de Jó deixa primeiramente esta lição: Somente Deus é sábio e suas decisões nunca serão incabíveis e sem um fim nobre.

Nisso também se revela a Sua soberania diante tudo no universo, principalmente sobre seu mundo criado e os seres humanos. Tudo está de baixo do Seu poder e nada acontece sem Ele saiba e permita. Na linguagem poética do livro de Jó, Deus está operando no cosmo consciente de tudo que se move e vive sobre a terra, mas ao mesmo tempo ativo na vida de Jó ao ponto de revelar-se a ele. Assim, mostra-se um Deus envolvido no destino humano e não como uma força inerte.<sup>169</sup>

---

<sup>166</sup> MESQUITA, 1975, p. 215.

<sup>167</sup> SPERANDIO, disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos\\_biblicos/o-livro-de-jo.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos_biblicos/o-livro-de-jo.html)>. Acesso em: 01 jul. 2016.

<sup>168</sup> VV. AA, 1983, p. 20.

<sup>169</sup> CHAMPLIN, 2001, v.3, p. 1860 e 1861.

O mal não tem seu poder próprio, Satanás não é um deus e muito menos tem autonomia sobre a terra e sobre os seres humanos. Por mais complexo que seja pensar, Deus é quem o limita e lhe permite fazer ou causar sofrimento. Isso não significa que Deus complacente com Satanás, mas um Deus poderoso onde nada pode destruir seus planos e que deseja ser supremo no coração do ser humano. Contudo, se o sofrimento for um meio para que as pessoas alcancem isso, Ele permitirá isso na vida de seus servos. Não somente para Sua glória e honra, mas também por amor.

Assim, mostra-se um Deus justo e zeloso que pastoreia seus filhos, cuidando de cada necessidade deles. Jó, apesar de não ter pecado algum, precisava conhecer mais a fundo o seu Deus, ter a visão e reconhecer que somente Ele é necessário em sua vida. Deus viu esta necessidade. Por mais que Ele conhecia o coração de seu servo, permitiu seu sofrimento para mostrar que Jó não O diminuiria, O depreciaria ou O desmereceria por causa de alguma coisa que lhe foi tirada. Para mostrar a Satanás e ao próprio Jó que Ele é único tesouro supremo que o ser humano pode ter.

O cuidado providencial de Deus, assim como foi demonstrado na vida de Jó, mostra-se hoje. Guia seus servos pelo caminho que trará o bem final desejado por Ele:

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito. Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou.

Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou a seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas? Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, que ressuscitou e está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: "Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro". Mas, em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.<sup>170</sup>

Através de Cristo se tem esta conclusão. Jó provou do cuidado de Deus e hoje se vê este cuidado personificado na pessoas de Jesus Cristo, que demonstrou de forma completa o amor de Deus pelos seres humanos.

<sup>170</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. *Bíblia Sagrada*: nova versão internacional. 2.ed. São Paulo: SBI, 2000, p. 1411.

Conclui-se, que o livro de Jó é um grande livro sobre Deus e seu relacionamento com o ser humano, principalmente com aqueles que o servem. Mostra que este relacionamento não está baseado em apenas abundâncias de bem e de tudo que envolve uma vida bem-sucedida (família, amigos e boa reputação), mas na busca constante e profunda por conhecimento de Deus, de quem Ele é. Colocando-se na dependência dEle, sabendo que suas mãos regem a história e o caminho de suas criaturas. Sua sabedoria é imperscrutável, Sua soberania é incomparável, Seu cuidado é pastoral e Sua justiça intacta.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Pat e David. *Manual bíblico SBB*. Trad. Lailah de Noronha. 2.ed. São Paulo: SBB, 2010. 816 p.
- ANDERSEN, Francis I. *Série cultura bíblica: Jó - Introdução e comentário*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Mundo Cristão, 1984. 296 p.
- ARCHER JR, Gleason L. *Panorama do Antigo Testamento*. 4.ed. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2012. 672 p.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 2.ed. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. 720 p.
- SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. *Bíblia Sagrada: nova versão internacional*. 2.ed. São Paulo: SBI, 2000. 1555 p.
- CAMPOS, Heber Carlos de. *O ser de Deus e as suas obras: a providência e a sua realização histórica*. São Paulo: Cultura Crítã, 2001. 680 p.
- CERESKO, Anthony R. *A sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade liberal*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004. 213 p.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *Antigo Testamento interpretado versículo por versículo: II Reis, I Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó*. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. V.3. 2043 p.
- DILLARD, Raymond B. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. 473 p.
- ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.
- FERREIRA, Franklin. *Curso Vida Nova de teologia básica: teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2013. 286 p.
- GRUDEM, Wayne A. *Teologia sistemática*. Trad. Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luiz A. Sayão; Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999. 1080 p.
- GUSSO, Antônio Renato. *Os livros poéticos e os da sabedoria: introdução fundamental e auxílios para a interpretação Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos*. Curitiba: A. D. Santos, 2012. 128 p.
- HARRIS, R. Laird. JR. ARCHER, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1824 p.
- HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Marcio Redondo e Sueli Saraiva. São Paulo: Vida, 2005. 759 p.
- MCKENZIE, John L. *Os grandes temas do Antigo Testamento*. 8.ed. Trad. Cácio Gomes e Therezinha Gomes. Petrópolis: Vozes, 1971. 327 p.
- MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no livro de Jó: uma interpretação do sofrimento humano*. Rio de Janeiro: JUERP, 1975. 228 p.
- OLIVEIRA, Orlando de. *Temas complexos da Bíblia*. Porto Alegre: Editora do Autor, 2014. 183 p.
- PACKER, J. I. *O conhecimento de Deus*. Trad. Cleide Wolf. São Paulo: Mundo Cristão, 1996. 288 p.



PARTICULAR, Hermenêutica. *Séries de sermões do pastor John Piper: Jó: santificação através do sofrimento, entendendo o sofrimento na vida do justo*. Trad. Beatriz Rustiguel da Silva. Hermenêutica Particular, 2008. 10 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/173354228/John-Piper-Santificac-a-o-atrave-s-do-sofrimento>> Acesso em: 20 jun. 2016.

PINK, A. W. *Deus é soberano*. Trad. Fiel. 4.ed. São José dos Campos: Fiel, 1997. 184 p.

PIPER, John. *Quando o justo sofre: parte 1*. 08 out. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wZgqNu5ARdE>> Acesso em: 20 jun. 2016.

REIMER, Haroldo. *Bíblia e ecologia*. São Paulo: Reflexão, 2010. 139 p.

SAYÃO, Luiz Alberto. *Agora sim: teologia na prática do começo ao fim*. São Paulo: Hagnos, 2012. 192 p.

SCHMAUS, Michael. *A fé na igreja: cristologia*. Trad. Marçal Versiane. Petrópolis, 1976. V. 2. 156 p.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de teologia sistemática: revisado e ampliado*. 2.ed. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2014. 432 p.

SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Trad. Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001. 448 p.

SPERANDIO, João Manoel. *O livro de Jó*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos\\_biblicos/o-livro-de-jo.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/estudos_biblicos/o-livro-de-jo.html)> Acesso em: 01 jul. 2016.

SWINDOLL, Charles. *O mistério da vontade de Deus: uma jornada surpreendente no caminho que leva a Deus*. Trad. Emirson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2001. 244 p.

TORRIEN, Samuel. *Coleção grande comentário bíblico: Jó*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1994. 312 p.

VV. AA. *Cadernos Bíblicos: as raízes da sabedoria*. Trad. Benôni Lenos. São Paulo: Paulinas, 1983. 84 p.

WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento – Poéticos*. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. V 3. 528 p.